

Nota de apresentação

Trabalho, plataformas digitais, cuidados: perspectivas pluridisciplinares

José Soeiro

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Sofia Alexandra Cruz

Faculdade de Economia da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Inês Barbosa

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Tânia Leão

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

O presente número temático da *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* surge, em grande medida, na sequência de um “Ciclo de Conversas sobre o Trabalho”, realizado pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), em junho de 2021, e também da oportunidade criada pelo Encontro Científico Internacional “Trabalhar todos os dias”, sobre trabalho reprodutivo, cuidados e serviço doméstico, realizado no Porto entre 4 e 6 de março de 2022, numa parceria entre o IS-UP, a rede europeia Transform!, e a estrutura artística Cassandra.

O ponto de partida para o “Ciclo de Conversas sobre o Trabalho” foi o reconhecimento de que o trabalho permanece uma dimensão central das nossas sociedades, mas que os modos de o prestar, o seu enquadramento e regulação, as experiências laborais e os sistemas de proteção social se encontram em profunda metamorfose. Uma das dimensões que se pretendeu debater foi justamente a da “economia da partilha” e os desafios colocados pela “uberização”. No Encontro “Trabalhar todos os dias”, foi sobretudo a designada “crise dos cuidados” à escala nacional e

internacional que esteve sob análise, designadamente as transformações na prestação de cuidados, a ampliação do mercado dos serviços domésticos e o modo como, nesses setores, se estruturam e intensificam desigualdades, incluindo as que resultam da divisão sexual do trabalho, da externalização, da racialização, da informalização e dos circuitos e mobilidades internacionais entre o Sul e Norte globais.

A primeira parte deste número começa, pois, com uma série de quatro artigos que abordam a questão da digitalização no mundo produtivo e do trabalho realizado através de plataformas. Com efeito, um dos traços fortes das sociedades contemporâneas é o desenvolvimento de um processo de digitalização que transforma o conjunto das relações sociais, económicas e políticas (Párraga, 2016), com impactos relevantes nas sociabilidades, nas qualificações, na produção material e simbólica, na difusão de informação, na construção dos gostos e das identidades (Huws, 2014). No campo do trabalho, a digitalização e o desenvolvimento da chamada *gig economy* impulsionou novas formas de organização, gestão e controlo da atividade, nomeadamente com a emergência de um modelo de *crowdsourcing* (Howe, 2008), muito presente na economia das plataformas. Esta dinâmica tem contribuído, entre outros aspetos, para renovadas modalidades de desvalorização, heterogeneização e precarização das condições de trabalho (Abílio, 2019; De Stefano e Aloisi, 2018; De Stefano et. al., 2021) que vêm desencadeando um crescente interesse da investigação científica em geral e na sociologia em particular.

A plataformação constitui atualmente um movimento de fundo no domínio laboral, ao qual correspondem inovações no processo produtivo, mas sobretudo novas formas de prestar, organizar e enquadrar o trabalho (Vallas, Schor, 2020). Na União Europeia a 27, estima-se existirem já 28,3 milhões de pessoas a trabalhar através de plataformas digitais, um número que poderá atingir os 42,7 milhões em 2030 (Barcevičius et al., 2021: 5). Esta realidade tem colocado problemas particulares no que diz respeito à classificação destas modalidades de trabalho, às formas de representação coletiva e ao enquadramento formal dos trabalhadores. Estes encontram-se, regra geral, excluídos dos mecanismos clássicos de proteção social, de seguros ou planos de saúde, dos limites de horários de trabalho, das regras de remuneração mínima previstas pela lei, bem como das estruturas e dos acordos sindicais (Visser, 2019; Sun et al. 2021). Por outro lado, inúmeros estudos internacionais têm sublinhado como nestas formas de prestação de trabalho (que no continente europeu têm uma sobrerrepresentação de migrantes), se observa uma desresponsabilização das entidades empregadoras na proteção de vários riscos sociais, novas desigualdades e discriminações e um aumento do poder de vigilância gerencial, a par com uma opacidade e falta de transparência do algoritmo (Rosenblat, 2018; Abílio, 2019), a disseminação de uma cultura de “conexão permanente” que coloca em causa algumas das “marcas de origem”

do Direito do Trabalho (Moreira, 2021:102-105) e subtis mecanismos de compressão da liberdade e de intensificação dos desgastes psicofísicos associados ao trabalho (Fernandes, 2021) .

A pandemia de Covid-19 foi, também a este nível, simultaneamente um "grande revelador" e um "pedagogo cruel" (Santos, 2020). Os efeitos pandémicos foram particularmente profundos entre os trabalhadores com emprego precário, expondo as consequências da diminuição da regulamentação do trabalho e da proteção social (Tubaro, Casilli, 2022; Umar et al, 2021). Muitos trabalhadores informais e precários enfrentaram períodos de desemprego ou inatividade sem acesso à segurança social, foram expostos a riscos mais elevados de exploração e de falta de proteção na saúde, o que forçou os Estados-nação a aprovarem uma miríade de respostas extraordinárias dirigidas a estes grupos sociais durante os períodos de confinamento (ILO, 2020).

Centrado neste tema da plataformização do trabalho, sob uma perspetiva pluridisciplinar, este número da Revista abre com uma abordagem internacional ao fenómeno. Uma Rani, no artigo “Delivery workers, trapped in an algorithmic system” analisa as práticas de gestão algorítmica em plataformas de entrega e o modo como esta condiciona e exerce um forte controlo sobre os trabalhadores. A partir dos dados de um inquérito realizado com cerca de 3000 entregadores de plataformas digitais em 11 realidades nacionais distintas (Argentina, Chile, China, Gana, Índia, Indonésia, Quênia, Líbano, México, Marrocos e Ucrânia), a autora identifica diferentes mecanismos de controlo e de disciplinação dos estafetas utilizados pelas plataformas digitais nos países em análise. Problematisa, com base nesses dados, a liberdade e autonomia real destes trabalhadores à luz das práticas de gestão algorítmica acionadas, discutindo também as consequências nas condições de trabalho e identificando quais as políticas públicas que poderiam contribuir para a promoção do “trabalho digno” neste setor e nestas formações sociais.

António Brandão Moniz e Nuno Boavida, no artigo “Perfil e representação de trabalhadores de plataformas digitais em Portugal”, analisam, por seu turno, os perfis dos trabalhadores de plataformas digitais em Portugal, salientando a sua diversidade. A partir de diversos estudos de caso, de plataformas cujas atividades são executadas inteiramente *online* até outras em que o trabalho é feito “on location”, é discutido o impacto da diversidade de tarefas e das mutações no “local de trabalho” no maior ou menor interesse na procura de representantes coletivos e na emergência de movimentos laborais capazes de representar estes diferentes segmentos da mão-de-obra digital.

Numa aproximação ao tema centrada na economia política da organização dos processos de trabalho e da cadeia de valor, Ana Alves da Silva, no artigo “O nexos financeirização-externalização e o seu impacto na empresa: uma abordagem à plataformização do trabalho”, explora o impacto da penetração da finança na esfera produtiva e o modo como são desarticulados

os fundamentos e os artefactos jurídico-institucionais da regulação sociolaboral fordista. Neste contexto, a empresa-plataforma é, de acordo com a autora, um exemplo maior de uma organização *disempregadora*, isto é, em que as relações de trabalho são enquadradas por uma mediação entre a prestação da atividade e o cliente final que faz desaparecer o emprego, através de novas formas de externalização que o colocam fora dos “muros” institucionais da empresa, com recurso a soluções organizativas que põem em causa os vínculos laborais, colocando interrogações epistemológicas relevantes para os estudos sobre o trabalho.

Por fim, encerrando esta primeira parte, no artigo “*O Livro Verde sobre o Futuro do Trabalho 2021 e o trabalho nas plataformas digitais: algumas questões*”, Teresa Coelho Moreira equaciona os desafios colocados ao Direito do Trabalho numa era de crescente digitalização. As profundas mudanças na forma de trabalhar e nos modos de prestar serviços têm interpelado o direito e os ordenamentos jurídicos existentes, que são expostos aos impactos das mudanças tecnológicas. Apresenta-se, assim, o contributo para este debate do *Livro Verde sobre o Futuro do Trabalho*, de que a autora foi uma das coordenadoras científicas, analisando-se os aspetos relativos ao trabalho prestado com recurso a plataformas digitais e as propostas de abordagem sociojurídica deste fenómeno que são avançadas naquele documento.

Na segunda parte deste número temático, publica-se uma entrevista (intitulada “A divisão entre a produção e o trabalho reprodutivo tem de ser suprimida: é a produção do viver que caracteriza o trabalho”) a Helena Hirata, uma das conferencistas principais do Encontro “Trabalhar todos os dias”, realizada por José Soeiro e Sofia Alexandra Cruz. Com um vasto e diversificado percurso na sociologia, Helena Hirata é uma incontornável referência internacional para os estudos do trabalho, do cuidado e do género. A entrevista realizada propositadamente para este número temático percorre os principais temas das suas pesquisas e reflexões, bem como o diálogo que a sua obra estabelece com outros autores e autoras (Christine Delphy, Danièle Kergoat, Pierre Bourdieu, Toni Negri, Tithi Battacharya ou Patricia Hill Collins, entre outras). São abordadas as investigações comparativas relativas à organização do trabalho, à tecnologia e às políticas de gestão de pessoas em empresas de vários ramos da indústria: a problemática do desemprego, dos seus atores e instituições; e a inclusão na sociologia do trabalho das questões do género, da divisão sexual e da articulação de múltiplas divisões do trabalho socialmente produzidas. Discutem-se, ainda, as pesquisas mais recentes de Hirata relativas às teorias e práticas do cuidado numa perspetiva internacional. Entendemos que a entrevista agora disponibilizada ao público constitui um modesto contributo para colmatar um vazio editorial na sociologia publicada em Portugal, esperando-se que ela possa suscitar maior curiosidade sobre o trabalho de Helena Hirata entre nós e, eventualmente, motivar novos programas de pesquisa neste campo, também no nosso país.

Soeiro, José; Cruz, Sofia Alexandra; Barbosa, Inês, Leão, Tânia (2022), “Nota de apresentação. Trabalho, plataformas digitais, cuidados: perspectivas pluridisciplinares”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número Temático - Trabalho, plataformas digitais, cuidados: perspectivas pluridisciplinares, pp. 5-10.

Referências bibliográficas

- ABÍLIO, Ludmila Costhek (2019), “Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado”, *Psicoperspectivas*, 18 (3), pp.1-11.
- BARCEVICIUS, Egidijus; GINEIKYTĖ-KANCLERĖ, Vaida; KLIMAVICIUTĖ, Luka; MARTIN, Nuria Ramos (2021), *Study to support the impact assessment of an EU initiative to improve the working conditions in platform work. Final Report*. 22.10.2021. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=738&langId=en&pubId=8428&furtherPubs=yes>>.
- DE STEFANO, Valerio; ALOSI, Antonio (2018), *European Legal framework for digital labour platforms*, Luxemburgo, Publications Office of the European Union. Disponível em <<https://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/handle/JRC112243>>.
- DE STEFANO, Valerio; DURRI, Ilda; STYLOGIANNIS, Charalampos; WOUTERS, Mathias (2021), *Platform work and the employment relationship*, Geneva, ILO Working paper 27.
- FERNANDES, António Monteiro (2021), “Trabalho digno no século XXI”, *Cadernos Sociedade e Trabalho*, 21, PP. 47-56.
- HOWE, Jeff (2008), *Crowdsourcing: How the power of the crowd is driving the future of busi-ness*, New York, Random House.
- HUWS, Ursula (2003), *The Making of a Cybertariat: Virtual Work in a Real World*. Nova Iorque/ Londres, Monthly Review Press.
- ILO (2020), *Unemployment protection in the COVID-19 crisis: Country responses and policy considerations*, ILO Brief. Disponível em: <https://www.social-protection.org/gimi/RessourcePDF.action?id=56834>.
- MOREIRA, Teresa Coelho (2021), *Direito do Trabalho na Era Digital*. Coimbra, Almedina.
- PÁRRAGA, Francisco Trillo (2016), “Economia digitalizada y relaciones de trabajo”, *Revista de Derecho Social*, 76, pp. 59-82.
- ROSENBLAT, Alex (2018), *Uberland. How Algorithms Are Rewriting the Rules of Work*. Oakland, University of California Press.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2020), *A Cruel Pedagogia do Vírus*, Coimbra, Almedina.
- SUN, Ping; CHEN, Julie Yujie Chen; RANI, Uma (2021), “From flexible labour to ‘sticky labour’: A tracking study of workers in the food-delivery platform economy of China”, *Work, Employment and Society*, 1-20.
- TUBARO, Paola; CASILLI, Antonio (2022), “Who bears the burden of a pandemic? COVID-19 and the transfer of risk on digital platform workers”, *American Behavioral Scientist*, Sage Publications, 10.1177/00027642211066027.
- UMAR, Muhammad; XU, Yan; MIRZA, Sultan Sidankar (2021), “The impact of Covid-19 on gig economy”, *Economic Research-Ekonomska Istraživanja*, 34(1), pp. 2284-2296.

Soeiro, José; Cruz, Sofia Alexandra; Barbosa, Inês, Leão, Tânia (2022), “Nota de apresentação. Trabalho, plataformas digitais, cuidados: perspectivas pluridisciplinares”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número Temático - Trabalho, plataformas digitais, cuidados: perspectivas pluridisciplinares, pp. 5-10.

VALLAS, Steven; SCHOR, Juliet B. (2020), “What do platforms do? Understanding the gig economy”, *Annual Review of Sociology*, 46(1), pp. 273-294.

VISSER, Jelle (2019), *Trade Unions in the Balance*, ACTRAV Working Paper, Geneva, International Labour Organization.

José Soeiro (autor de correspondência). Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Rua do Campo Alegre, 1055 4150-181 Porto. Email: josemourasoeiro@gmail.com

Sofia Alexandra Cruz. Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Rua Roberto Frias 4200-464 Porto. Email: sacruz@fep.up.pt

Inês Barbosa. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Rua do Campo Alegre, 1055 4150-181 Porto. Email: inesbarbosa@letras.up.pt

Tânia Leão. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Rua do Campo Alegre, 1055 4150-181 Porto. Email: tsilva@letras.up.pt